

André van Dokkum

7 November 2018

UKAMA

Academic

Macau: anvadok@gmail.com

Resenha de livro

As origens de guerra em Moçambique. Uma história de unidade e divisão

[*The Origins of War in Mozambique. A History of Unity and Division*]

Por Sayaka Funada-Classen

Traduzido por Masako Osada. Somerset West (África do Sul): African Minds, 2013, xiv + 418 pp.
Originalmente publicado por Ochanomizo Shobo, Tóquio (Japão), 2012 (versão japonesa 2008).

A guerra civil moçambicana continua a ser um tema relevante para estudos continuados, não apenas como uma questão de história, mas também por sua relevância contínua para o presente e provavelmente o futuro próximo, se não mais distante, de Moçambique. Publicações anteriores sobre a guerra enfatizaram o papel dos regimes minoritários racistas na Rodésia e na África do Sul, enquanto análises mais recentes tenderam a considerar (também) a forma como a Frelimo implementou a sua supremacia política sobre a população moçambicana depois e mesmo antes da independência. O livro da Funada-Classen encaixa-se com a última tendência e acrescentou dados valiosos à literatura. O grau em que ela conseguiu fornecer interpretações totalmente satisfatórias desses dados terá que ser discutido.

O livro é, em última instância, o resultado do envolvimento direto da autora com Moçambique quando ela participou na operação da ONUMOZ, que guiou o país da guerra para as primeiras eleições multipartidárias nos anos 90. O envolvimento pessoal certamente ajudou na busca de dados. Após o seu trabalho com ONUMOZ, a autora realizou pesquisas de campo no Distrito de Maúá, na Província do Niassa, em 1997, 1999 e 2003, produzindo histórias orais importantes, das quais muita informação é apresentada palavra por palavra ao leitor. Além disso, ela descobriu muitas informações de fontes de arquivo. Originalmente publicado em japonês, o livro provavelmente alcança leitores que não estão muito familiarizados com Moçambique. Por outro lado, o autor cita acadêmicos japoneses que podem não ser

conhecidos por muitos acadêmicos na tradição euro-americana. Esses dois aspectos são bem-vindos para enriquecer a literatura acadêmica.

A parte principal do livro consiste em cinco capítulos, mais uma Introdução e uma Conclusão. O título do livro indica que é sobre as origens de “guerra”, e o leitor (pelo menos o actual) estaria inclinado a pensar que o texto apresenta uma explicação da origem da guerra entre a Frelimo e a Renamo de 1976 a 1992, e de fato isso é indicado na Introdução. Lá também já está indicado que outra guerra anterior, contra o Estado colonizador português, foi um fator importante para a guerra após a independência. Como veremos abaixo, Funada-Classen não esgota as possibilidades que seus próprios dados apresentam para explicar esta ligação. Uma visão crítica sobre a Frelimo durante a luta pela independência é sugerida na Introdução e um pouco na Conclusão, mas não foi profundamente levada a cabo nas análises nas partes posteriores do livro como poderia ter sido.

O Capítulo 1 apresenta panos de fundo sobre o colonialismo dos séculos XIX e XX em Moçambique, com atenção especial para o norte de Moçambique. O Capítulo 2 informa o leitor de forma histórica e antropológica sólida sobre a área de Maúa, cujos moradores são na sua maioria da etnia Macúa. O Capítulo 3 descreve a sociedade colonial moçambicana no século XX e o surgimento do nacionalismo e do anticolonialismo. O Capítulo 4 trata da luta anticolonial da Frelimo, inserida em contextos mais amplos da política mundial, como os desenvolvimentos nas Nações Unidas e nos Estados Unidos, e a crise do Congo dos anos 60. Mostra como o Ocidente não estava disposto a apoiar o processo de descolonização, com todas as más conseqüências dessa atitude, e paradoxalmente, empurrando cada vez mais os movimentos de independência para o lado do bloco comunista, o que exatamente não foi o resultado pretendido. Os aspectos das relações internacionais, a especialização de Funada-Classen, são bem elaborados. As partes sobre o desenvolvimento da Frelimo, no entanto, sofrem com a falta de discernimentos diferentes da literatura antiga. A informação está mal organizada, por ex. com detalhes sobre a Frelimo, geralmente, alternados com aspectos da história islâmica no norte de Moçambique, especificamente. Ambos são relevantes para o livro, mas trabalhar com capítulos mais curtos e melhor focados poderia ter sido uma vantagem aqui. Uma consequência do agrupamento de tantas informações é que o texto perde de vista uma descrição coerente e uma explicação da infame “crise dentro da Frelimo”. Além disso, o texto vai e volta entre anos como 1968 e 1966, proibindo uma compreensão direta da crise, que teve uma evolução muito específica ao longo do tempo. O Capítulo 5 fornece informações de

Funada-Classen sobre a área de Maúa durante a luta anticolonial da Frelimo e as contramedidas do governo civil e do exército (dos portugueses). Esta é a melhor parte do livro e certamente leitura recomendada. A Conclusão, então, é apenas parcialmente um encerramento e interpretação final da informação anterior e, de fato, continua a fornecer mais dados primários, a maior parte sobre a guerra Frelimo-Renamo na área de Maúa. A análise sobre o porquê, em 1974-1975, de tantas pessoas e organizações não quererem pertencer à Frelimo num Moçambique independente, permanece superficial e fica preso a retratar pessoas como Joana Simeão (aliás, uma proeminente Macúá) como uma espécie de lacaios da antiga ordem colonial. Os arquivos PIDE / DGS mostram uma situação diferente.

Dado que Funada-Classen fez um bom trabalho para obter informações detalhadas sobre a luta anticolonial em Maúa, é notável que não se fez um esforço similar para reconstruir a história problemática que evoluiu entre a Frelimo e os numerosos opositores que o movimento produziu contra si próprio. Ela reproduz sem críticas a propaganda anti-Gwambe e anti-Nkavandame, predominante na literatura hagiográfica mais antiga sobre a Frelimo, sem investigar os panos de fundo relevantes. O livro de Barnabé Ncomo é usado apenas para identificar o local de nascimento de Uria Simango, enquanto o trabalho de João Cabrita sobre o período inicial da Frelimo não é mencionado de modo algum. No entanto, estas obras contêm uma riqueza de informações sobre as muitas disputas dentro da Frelimo, que deveriam ter sido encaradas num livro que tem “unidade e divisão” no seu subtítulo. Gwambe foi um grande defensor da luta armada contra os portugueses e primeiro líder da UDENAMO (como mencionado no capítulo 3), uma das duas organizações que se fundiram na Frelimo. Funada-Classen escreve que ele foi “exposto [*exposed*] como agente português” (p. 384); sua fonte para essa “exposição” é Newitt, que se refere a Henriksen, mas o último escreve sobre *acusações* contra Gwambe. Falar de “exposição” nos deixaria com a estranha conclusão de que a luta contra os colonizadores portugueses era realizada por um agente desses mesmos colonizadores portugueses. A autora não demonstra qualquer consciência do absurdo de tal consequência.

Mais grave ainda é a interpretação da situação relativa a Nkavandame e aos *chairmen* de Cabo Delgado. Não há dúvida de que uma divisão principal dentro da Frelimo foi entre Nkavandame e os seus aderentes, por um lado, e Machel e os seus aderentes, por outro. Mas Funada-Classen apresenta uma linha de tempo confusa e insuficientemente analisa o pano de fundo das queixas de Nkavandame. Ela escreve que “o conflito interno culminou no

assassinato de Filipe Samuel Magaia” em outubro de 1966. Mas este evento é melhor visto como o ponto de partida para o conflito interno bifurcado da Frelimo em vez de uma culminação deste (na verdade, a própria autora parece indicar isso na p. 251). Tudo aponta para o agravamento dos problemas depois que Machel emergiu como sucessor de Magaia como comandante do exército (da Frelimo). Eventos como a briga com estudantes da UNEMO (EUA), distúrbios com estudantes no Instituto Moçambicano e os assaltos ao escritório da Frelimo aconteceram depois que a Frelimo começou a se afirmar mais de forma autoritária e militar. Funada-Classen menciona a insatisfação de Nkavandame com a nova tendência, mas não examina suficientemente as fontes de sua insatisfação. Se o livro *Tortuous Road* de Cabrita tivesse sido devidamente consultado, seria oportuno mencionar que Nkavandame e os *chairmen* associados com ele criticavam a circunstância de os combatentes, bem como os civis, serem mortos pela Frelimo.

Isto exige um escrutínio mais atento: porque é que a Frelimo mataria as pessoas que diz que vai libertar? A fonte de Cabrita para essa informação é uma mensagem em *Notícias* de novembro de 1969, e alguém pode objetar que tal fonte não pode ser confiável. Contudo, a informação própria de Mauá de Funada-Classen apoia a tese de que a Frelimo matou civis durante a guerra anticolonial, nesta citação: “As dificuldades no mato eram terríveis demais. Houve alguns que fugiram por causa da fome, mas, se capturados pela FRELIMO, foram mortos ” (p. 304). É uma omissão significativa do livro que tal informação não esteja ligada a circunstâncias que uma organização como a PCN exigiu um sistema político multipartidário em 1974-1975, não aceitando que a Frelimo reivindicasse todo o poder para si, ou que a Renamo não fosse somente estabelecido pelos colonialistas, como implicado na Conclusão, de repente se esquecendo de Matsangaissa que é, no entanto, mencionado na Introdução. Dessa maneira, o livro não esgota suas próprias possibilidades para explicar as origens da guerra pós-independência.

Fontes biográficas consultadas

<<http://www.afraso.org/de/node/282>>

<https://www.researchgate.net/profile/Sayaka_Funada_Classen>